



AS MALHARIAS EM MANHUMIRIM/MG: IMPORTÂNCIA HISTÓRICA E SOCIAL

Ana Carolina Ribeiro de Souza

Orientador: Prof. Dr. Arthur Zanuti Franklin

Curso: Arquitetura e Urbanismo Período: 9º Área de Pesquisa: Memória e História Oral

Resumo: As pequenas cidades desenvolvem papel importante na economia brasileira, indo desde a produção agrícola até a produção industrial. Algumas dessas cidades se destacam ou destacaram por ambos, a exemplo de Manhumirim / MG, que durante o século XX foi uma cidade com grande produção cafeeira, mas também indústrias como as malharias. Posto isso, o objetivo desse trabalho é compreender a importância das malharias dentro da história de Manhumirim, a partir de um viés social e econômico. Para isso, utilizou-se da metodologia de História Oral, em que memórias de grupos sociais são coletadas para compreender determinados fenômenos dentro de um período histórico. Percebeu-se que as malharias possuíam grande importância para Manhumirim, não só no quesito econômico, mas até mesmo no fomento da cultura local e que devido ao Plano Cruzado, a maioria dessas indústrias fecharam, deixando uma lacuna econômica e cultural no município.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Pequenas cidades. Memória e história oral. Indústria têxtil. Manhumirim.

1 INTRODUÇÃO

A Revolução Industrial, com início na segunda metade do século XVIII, marcou uma grande alteração social, econômica e tecnológica em diversos países. Este período é caracterizado pela transição de uma economia de base familiar para uma economia industrial, impulsionada pela mecanização dos processos produtivos e pelo surgimento das primeiras fábricas.

O Brasil foi fortemente influenciado pela Revolução Industrial, mesmo tendo experimentado o movimento em um momento posterior se comparado aos países da Europa. A vinda da família real portuguesa, em 1808, trouxe consigo diversas medidas e estratégias que impulsionaram o crescimento econômico e industrial nacional. Nesse cenário, a indústria têxtil passou a desempenhar um papel fundamental (SILVA, 2021).

Segundo Fausto (2022), a indústria têxtil identificou um ambiente propício, sobretudo no Sudeste brasileiro, para o seu crescimento, utilizando de áreas que ofereciam acesso a recursos de matéria-prima, mão de obra e infraestrutura. Por conta disso, nos estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro instalaram-se as principais fábricas têxteis.

A indústria têxtil moderna em Minas Gerais teve seu início em 1872, quando a Fábrica do Cedro iniciou suas operações em Tabuleiro Grande, município de Sete Lagoas. Em 1885, a província mineira já contava com 13 fábricas de tecidos. No ano seguinte, surgiu a Companhia Têxtil Cachoeira de Macacos, seguidamente, em 1891, pela Companhia Tecidos Santanense. No final do século XIX, o estado abrigava 29 indústrias têxteis em pleno funcionamento. Destaca-se que, em 1907, a indústria têxtil era responsável por uma parcela específica do capital industrial do estado, representando 62,9% do total, além de contribuir com 40,2% do valor da produção industrial e oferecer emprego para 50% da mão de obra industrial. (SIFT-MG, 2024)

Entre esses municípios, destacou-se Juiz de Fora, que recebeu o apelido de "Manchester Mineira", devido ao seu notável desenvolvimento industrial, especialmente na indústria têxtil, durante o final do século XIX e início do século XX, atraindo trabalhadores e imigrantes de diversas regiões.

Esses dados demonstram que a integração entre agricultura, indústria e urbanização desempenharam importante papel no crescimento econômico e na diversificação industrial do estado. (ALMEIDA, 2018).

Porém, não foram somente as cidades que desempenham um papel de centralidade no Estado foram impactadas pela então nova atividade econômica. Pequenas e médias cidades como Muriaé e Ubá, está última juntamente com a indústria moveleira, também se tornaram polo têxtil em Minas Gerais.

Dentre essas pequenas cidades, há também Manhumirim, pequena cidade no leste de Minas Gerais, na divisa com Espírito Santo, que, até a década de 1990, teve nas fábricas de tecido, ou malharias, como foram popularmente conhecidas, uma importante fonte de renda.

As malharias em Manhumirim são um exemplo pertinente dos efeitos socioeconômicos que essa indústria pode causar em pequenas cidades. Ao longo dos anos, essas companhias geraram empregos e renda para os habitantes locais, além de desempenhar um papel crucial na formação da identidade cultural e no desenvolvimento econômico da região.

Posto isso, o presente trabalho busca compreender a importância das malharias dentro da história de Manhumirim, a partir de um viés social e econômico.

A justificativa para este estudo decorre da necessidade de compreender, sob uma perspectiva histórica e socioeconômica, o papel desempenhado pela indústria têxtil

em municípios de menor porte e sua influência na configuração das estruturas econômicas locais.

A relevância do estudo advém de sua capacidade de contribuir para a literatura existente sobre a industrialização brasileira, especialmente no que tange à disseminação de atividades industriais para além dos grandes centros urbanos. Através da análise de Manhumirim, pretende-se evidenciar como a indústria têxtil, em particular, funcionou como vetor de transformação econômica e social, impactando na geração de emprego, na distribuição de renda e no desenvolvimento urbano.

Além disso, este trabalho se propõe a analisar as inter-relações entre a indústria têxtil e os aspectos culturais e identitários da população local, oferecendo uma observância das implicações do setor industrial no tecido social.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A história oficial da industrialização brasileira e o crescimento urbano

A história industrial brasileira tem origem no período colonial, caracterizado pela exploração econômica e submissão aos interesses coloniais portugueses. Durante o período de 1530 a 1808, o Brasil era uma economia extrativista que se baseava na exploração de recursos naturais, como o pau-brasil, açúcar e ouro.

Desde o início do período colonial, Portugal adotou uma política econômica rigorosa em relação ao Brasil, com o objetivo de submeter a colônia aos interesses da metrópole. Uma das características principais dessa política é a proibição da indústria no Brasil. Portugal temia que o crescimento da atividade industrial nas suas colônias pudesse prejudicar a produção metropolitana e enfraquecer o seu controle sobre o comércio exterior.

A economia colonial do Brasil era baseada na extração de recursos naturais e na agricultura, especialmente no açúcar, que foi o principal produto de exportação do Brasil durante o período colonial. O açúcar era cultivado em grandes plantações, com trabalho escravo de origem indígena e africano.

A proibição industrial teve um impacto relevante no desenvolvimento econômico e social do Brasil colonial. Apesar de países como o Reino Unido e a França terem experimentado processos de industrialização acelerados, a economia brasileira permaneceu fortemente ligada à agricultura e à exportação de produtos primários. Isso contribuiu para a manutenção da dependência econômica de Portugal e para o atraso do desenvolvimento industrial do país (RUSSEL-WOOD, 1998).

A segunda fase da industrialização brasileira, que se estendeu de 1808 a 1930, durante o Período Imperial e a Primeira República, trouxe mudanças importantes na economia e na sociedade brasileira, como a criação das primeiras fábricas brasileiras.

Com a chegada da família real portuguesa ao Brasil em 1808. O Brasil abriu os portos para produtos de países aliados, que anteriormente só chegavam ao país por intermédio direto de Portugal e iniciou um processo de desenvolvimento industrial. A demanda interna e a necessidade de substituição de importações levaram ao surgimento das primeiras fábricas têxteis, metalúrgicas e químicas.

Segundo Hees (2011), a indústria brasileira continuou a crescer, embora de forma lenta e desigual. Houve certa priorização de alguns setores da economia brasileira, enquanto outros foram ignorados ou negligenciados. Um dos setores que teve prioridade foi o de exportação de produtos agrícolas com foco na produção de açúcar, algodão e café e as indústrias transformadoras, como a têxtil e a cerâmica, para reduzir a dependência das importações. Os investimentos em educação e pesquisa científica foram limitados, o que afetou a formação de profissionais qualificados e a

inovação tecnológica na indústria, já em relação as indústrias pesadas, como a siderurgia e a metalurgia, por não terem recebido muita atenção, resultou na limitação do desenvolvimento destas indústrias.

Vale ressaltar que embora iniciou-se a industrialização no Brasil, o país ainda continuou sendo um país essencialmente agrário. O café foi o principal produto de exportação do Brasil a partir da metade do século XIX e a maioria das elites econômicas concentrou os seus investimentos neste setor, impedindo o desenvolvimento industrial. (VERSIANI; SUZIGAN, 1990)

A proclamação da República em 1889 marcou o início de uma nova etapa na história brasileira, com o fortalecimento do sistema republicano e a modernização econômica. Durante a Primeira República, surgiram novas indústrias, tais como metalurgia, siderurgia e automobilística, devido ao aumento da demanda por produtos manufaturados nacionais e à urbanização. (SUZIGAN, 1988)

De acordo com Rosa (2015) a urbanização desempenhou um papel importante neste processo, proporcionando o ambiente necessário para o surgimento e desenvolvimento de indústrias. A concentração da mão-de-obra nas áreas urbanas permitiu a expansão das fábricas, enquanto o crescimento das cidades criou grandes mercados consumidores de bens manufaturados. Contudo, este processo de urbanização não ocorreu de forma ordenada e controlada. Pelo contrário, muitas vezes foi descontrolado, dando origem a problemas como habitação precária, falta de infraestruturas adequadas e problemas sociais e ambientais.

Já a terceira fase da industrialização brasileira, que se estendeu de 1930 a 1956, conhecida como "era da Revolução Industrial", trouxe grandes mudanças na política interna, sobretudo a partir de 1930, liderada por Getúlio Vargas. Este movimento promoveu mudanças importantes que retirou do poder os oligarcas tradicionais que representavam os interesses agrícolas e comerciais. Vargas prosseguiu com uma política industrial que dava prioridade à substituição do trabalho imigrante pelo trabalho doméstico. Essa força de trabalho é composta, sobretudo, pelos estados do Sudeste, como Rio de Janeiro, São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Isso se deve ao declínio na produção de café e à migração rural ocasionada pela migração para o Nordeste. O governo Vargas concentrou seus esforços em desenvolvimento de infraestrutura industrial, incluindo a introdução de indústrias-chave e a expansão da capacidade de produção de energia. Nesse período, surgiram organizações relevantes ligadas ao Estado, tais como a Comissão Nacional do Petróleo, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), a Vale do Rio Doce e a Companhia Hidrelétrica de São Francisco. (DE AZEVEDO, 2010)

Essas informações corroboram com Santos (2008, p.13), que afirma que, “a urbanização é um fenômeno não apenas recente como também crescente, e em escala planetária”. A urbanização que iniciou com o surgimento do capitalismo, surgiu como um fenômeno moderno na Europa imediatamente após a Revolução Industrial. Posteriormente, e ao mesmo tempo com a modernização, tal urbanização tornou-se comum nos países subdesenvolvidos. Por esta razão, é comum associar a urbanização à industrialização. Se olharmos para o crescimento das populações urbanas mundiais, vemos uma expansão paralela à Revolução Industrial. Esta tendência realça a estreita relação entre urbanização e industrialização, refletindo a urbanização as mudanças econômicas e sociais provocadas pela Revolução Industrial.

Segundo de Azevedo (2010) uma característica marcante das fábricas surgidas após a Primeira Guerra Mundial foi o foco na montagem de peças importadas, tornando-se subsidiárias de empresas estrangeiras. No início da Segunda Guerra Mundial, a taxa de crescimento dessas indústrias diminuiu porque o Brasil teve dificuldade em adquirir

do exterior os equipamentos e máquinas necessários. Isto reforça a importância de ter uma indústria de financiamento nacional. Apesar disso, as exportações do Brasil permaneceram estáveis, levando a um aumento nas reservas cambiais. As matérias-primas nacionais começaram a ser substituídas por produtos importados. Após a guerra, algumas indústrias contavam com capital e tecnologia nacionais, como peças automotivas.

De acordo com mesmo autor, no segundo governo Vargas (1951-1954), os esforços de desenvolvimento foram apoiados pelo Estado, como os investimentos públicos no Instituto Brasileiro do Café (IBC) e no Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES). Também é necessário citar a estratégia de Juscelino Kubitschek com o Plano de metas, apesar dos altos custos para a internacionalização da economia brasileira. Embora as indústrias de bens de consumo tenham dominado as décadas anteriores, na década de 1940 começaram a desenvolver-se indústrias mais avançadas, como a mineração, a metalurgia e a siderurgia. Em 1946, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) iniciou a produção de aço, contribuindo para o desenvolvimento industrial do país, no qual o aço foi essencial para diversas indústrias. Em 1950, vários problemas importantes impediram o progresso industrial, como a escassez de energia, a baixa produção de petróleo e as más redes de transporte e comunicação. A Companhia Hidrelétrica São Francisco foi fundada com o objetivo de solucionar esses problemas.

A fase final da industrialização brasileira, depois de 1956, é chamada de fase de internacionalização da economia brasileira. Este período foi marcado por um rápido progresso no setor rodoviário e um crescimento significativo na indústria de bens de consumo, aumentando de 37% para 63%. (DE AZEVEDO, 2010)

O crescimento dos bens de consumo foi notável na siderurgia e na metalurgia (incluindo automóveis), na indústria química e farmacêutica e na construção naval, esta última inaugurada no Rio de Janeiro em 1958. No entanto, o progresso industrial foi em grande parte impulsionado pelo capital estrangeiro, atraídos pelas taxas de câmbio, taxas alfandegárias e incentivos fiscais oferecidos pelo governo. Este período marcou o início de uma internacionalização mais forte da economia brasileira, com a entrada de empresas multinacionais. (DE AZEVEDO, 2010)

Paralelamente a essa industrialização voltada para a produção metalúrgica e automobilística, outro ponto que necessita destaque é a transposição da capital brasileira do Rio de Janeiro para Brasília, marcando dois pontos importantes sobre a urbanização brasileira. A primeira delas é a adoção dos conceitos da cidade modernista, uma expressão urbanística que reflete o ideal de um país moderno e industrializado, tendo sido concebida com base em quatro pontos principais (habitar, trabalhar, recrear e circular). Esses pontos destacam uma hierarquização viária, com a criação de vias expressas e avenidas que facilitam o fluxo de veículos, especialmente o automóvel, ponto central da industrialização na década de 1950. O segundo ponto é a interiorização do território nacional, o que levou ao aumento das pequenas cidades e por consequência, a industrialização nessas localidades.

2.2 As pequenas cidades e a industrialização

Antes de debater as pequenas cidades e sua relação com a industrialização, é necessário compreender o conceito de pequena cidade. Comumente, pequenas cidades são definidas com base em dados demográficos. Um município com 20 mil habitantes ou menos é considerado uma pequena cidade. Porém, Leão (2011) enfatiza que as escolhas demográficas não devem ser a única forma de definir uma cidade.

Deve-se levar em conta que a definição de cidades adotada pelos diferentes países é muito diferente de acordo com diferentes condições, como população, aspectos político-administrativos, tarefas, aspectos socioeconômicos, etc. Embora esta abordagem contribua para aspectos de ordenamento do território, estatísticas e governança local, elas não representam verdadeiramente a complexidade que uma pequena cidade pode possuir. (MELO et al., 2008)

A tabela a seguir, apresenta os critérios e a definição de cidade, adotada em alguns países e organizações.

Tabela 01 – Definição de cidade segundo alguns países e organizações

País/ Organizações	Tipo de critério	Cidade
Argentina	Tamanho demográfico	Localidade com 2.000 hab. ou mais
Brasil	Político-administrativo	Sede de município
Canadá*	Tamanho demográfico (variável entre os estados)	Town - entre 500 e 2.500 habitantes (mínimo) City - entre 3.000 e 5.000 habitantes (mínimo)
Chile	Tamanho demográfico ou tamanho demográfico mais ocupação da PEA	"Entidad urbana" com mais de 2.000 habitantes ou 1.001 a 2.000 habitantes e 50% ou mais da PEA ocupada em atividades secundárias ou terciárias
Dinamarca	Tamanho demográfico	Comunidade urbana com 250 hab. ou mais
Espanha	Tamanho demográfico	Comunidade urbana com 10.000 hab. ou mais
Estados Unidos**	Tamanho demográfico (variável entre os estados)	Town - entre 500 e 2.500 habitantes (mínimo) City - entre 3.000 e 5.000 habitantes (mínimo)
França	Tamanho demográfico	Área urbanizada com mais de 2000 habitantes
Islândia	Tamanho demográfico	Comunidade urbana com 300 hab. ou mais
Itália	Funcional	Deve conter áreas residenciais, industriais e comerciais, bem como desenvolver funções administrativas que envolvem uma área geográfica mais ampla, servindo de referência a municípios (<i>comuni</i>) vizinhos.
OCDE	Densidade populacional	Densidade populacional de 150 habitantes por km ²
ONU	Tamanho demográfico	Área urbanizada com mais de 20.000 habitantes
Paraguai	Político-administrativo	Sede de município
Portugal***	Número de eleitores e equipamentos urbanos	Aglomerado populacional contínuo, com um número de eleitores superior a 8.000, possuindo pelo menos, metade dos seguintes equipamentos coletivos: i) instalações hospitalares com serviço de permanência; ii) farmácias; iii) corporação de bombeiros; iv) casa de espetáculos e centro cultural; v) museu e biblioteca; vii) instalações de hotelaria; viii) estabelecimentos de ensino preparatório e secundário; ix) estabelecimentos de ensino pré-primário e infantários; x) transportes públicos, urbanos e suburbanos; xi) parques ou jardins públicos.

Fonte: Instituto Nacional de Estatística de Portugal, 2007.

Conceituar cidade e por conseguinte, pequenas cidades, torna-se um problema complexo pois as cidades passam por muitas mudanças ao longo do tempo. Portanto, definições estáticas não são apropriadas para todos os períodos históricos. Nesse contexto, Corrêa (2011, p. 32) enfatiza a importância de estudar o passado para compreender o presente. "[...] As pequenas cidades possuem diferentes formações e origens distintas. Dessa forma, podemos afirmar que, a pequena cidade resulta, assim, de inúmeros processos formativos."

Desmarais (1984) afirma que se deve olhar para as mudanças no estado da cidade em diferentes períodos e em diferentes locais. Isto é especialmente importante

quando se estima a dimensão demográfica, uma vez que as características que definem uma cidade pequena num período ou região podem ser comparadas com uma cidade média noutro contexto. Portanto, não é apropriado utilizar uma tipologia fixa para classificar e identificar áreas diferentes dentro de contextos geográficos distintos.

No Brasil, segundo Corrêa (1999) existem muitas cidades pequenas, de tal forma que, a existência dos centros urbanos depende muitas vezes da existência de uma economia de mercado, ainda que fundamental, que garanta as trocas baseadas na menor divisão do trabalho no território.

Jurado da Silva (2011) ressalta a importância de considerar as pequenas cidades e seus papéis nas redes urbanas, que se relacionam a partir da divisão territorial do trabalho. Em geral, estes centros não devem ser considerados separadamente porque fazem parte do processo de urbanização. No entanto, apesar do progresso do capitalismo, a sua identidade urbana não foi destruída, porque as suas ideias foram adaptadas e aumentaram o valor econômico ou centros de produção industrial, comércio, turismo etc.

As pequenas cidades se destacam de forma única no meio urbano, surgindo devido à desigualdade de desenvolvimento territorial dentro do sistema capitalista (SPOSITO; SILVA, 2013). Segundo Fresca (2001) as cidades em questão apresentam um menor nível de complexidade demográfica, morfológica e funcional em comparação com metrópoles, grandes cidades e cidades médias. Eles formam um conjunto diversificado de localidades, influenciado por diversos aspectos temporais e espaciais do desenvolvimento territorial.

O papel importante da cidade de pequeno porte é ser o ponto de conexão entre as atividades econômicas rurais e urbanas. Em um extremo, é o ponto de partida de uma vasta rede de comercialização e, quando exigido, beneficiamento de produtos provenientes do mundo rural. Por outro lado, representa o ponto final de outra cadeia, responsável pela distribuição de produtos industrializados, muitos dos quais originários de grandes centros urbanos externos. Parte dos produtos industrializados também foi produzida localmente, com ênfase no mercado consumidor local. (CORRÊA, 2011)

O mesmo autor ainda afirma que os sistemas agrários antigos, como o complexo rural do café, foram substituídos pelos complexos agroindustriais, que surgiram devido à industrialização do campo, um avanço na modernização agrícola. Esse processo mudou as relações de produção relações assim como a estrutura de propriedade da terra, levando a uma maior concentração fundiária, levando a uma diminuição notável no número de pequenos proprietários, arrendatários e meeiros, enquanto o número de trabalhadores assalariados, especialmente trabalhadores temporários, aumentou. Simultaneamente, aumentou a procura de bens e serviços agrícolas, tanto na fase de produção (como sementes, fertilizantes, pesticidas, maquinaria e assistência técnica) como na fase de processamento e transformação (como beneficiamento e embalagem).

Isso aumentou a dependência da agricultura em relação à indústria, tornando a primeira um apêndice da segunda. Assim, as relações entre o meio urbano e rural se transformaram, perdendo muitas de suas características distintivas e sendo mais bem descritas como relações agrárias.

Segundo o mesmo autor, a industrialização rural teve um impacto significativo na paisagem agrícola, resultando em áreas intermédias de vegetação secundária e no desaparecimento de densos centros rurais. Além disso, houve aumento da migração para as áreas urbanas periféricas das metrópoles, bem como para as cidades médias e para as áreas urbanizadas das pequenas cidades, criando até mesmo um movimento pendular inverso, em que o trabalhador trabalha no campo mas mora na área urbanizada. (FRANKLIN, 2019)

A industrialização trouxe consigo uma ampla gama de bens manufaturados, desde bens de capital até bens de consumo não-duráveis, tanto para fins produtivos quanto não-produtivos. No entanto, esta industrialização provocou a concentração regional da produção, o que resultou no desaparecimento de muitas indústrias de pequena escala localizadas em áreas rurais e pequenas cidades. Ao mesmo tempo, o desenvolvimento da indústria criou uma procura crescente de matérias-primas, incluindo minerais e produtos agrícolas. Esta dinâmica também desencadeou uma migração significativa das zonas rurais para as urbanas, impulsionada pela procura de emprego e de oportunidades de subsistência. Esta migração rural para urbana, muitas vezes envolvendo pequenas cidades, constitui um aspecto importante da geografia contemporânea. (CORREA, 2011)

No entanto, no Brasil pequenas cidades foram, no século XX, alvos principais para investimentos de capital industrial em grande escala, desafiando as conclusões da pesquisa tradicional em geografia industrial que enfatizam a relação positiva entre industrialização e tamanho urbano (PORCARO, 1977). A busca de grandes empresas nestas cidades mostra a crescente complexidade das relações organizacionais e de produção sob a influência da internacionalização do capital e da produção, das inovações produtivas das empresas e globalização econômica a nível internacional e redução dos conflitos industriais e financeiros em escala regional.

Como resultado, as empresas transformam suas estruturas em redes e círculos regionais de produção que conectam diversas cidades, regiões e países ao processo produtivo. Ao mesmo tempo, o controle da produção concentra-se em alguns centros de controle regionais, em que os agentes hegemônicos coordenam círculos de cooperação que correspondem à circulação de capitais, informações e ordens entre diferentes locais relacionados à produção. (OLIVEIRA, 2020)

Segundo Mendes (1997) a industrialização das cidades médias e pequenas, baseada principalmente nas etapas de produção especificamente mencionadas (beneficiamento e montagem industrial), não foi capaz de erradicar as assimetrias que historicamente definem o espaço industrial brasileiro. Na terceira década do século XXI, a desconcentração industrial tem contribuído para a reestruturação da divisão territorial do trabalho da indústria e a redefinição das posições entre os locais envolvidos na produção sob o controle da metrópole paulistana, que abrange a sede das principais empresas, bancos e instituições públicas do país.

Tendo em conta os processos anteriormente descritos, pode-se perceber em muitos aspectos que as regiões industriais tradicionais perdem a capacidade de atrair e manter capacidades de produção industrial, que se deslocam para regiões mais atrativas. Esse fenômeno causa problemas como o desemprego, a criação de novas áreas e a diminuição da renda municipal, o que afeta diretamente as políticas públicas. Por outro lado, as cidades que receberam novos investimentos industriais estão incluídas numa rede de produção mais ampla, onde a lógica de produção vai além dos níveis local e regional, definidos por atores sociais a nível nacional ou global. Nesses locais, aumenta a demanda por terrenos urbanos e aumentam os fluxos materiais e imateriais pelo território, o que torna o processo de produção do espaço geográfico mais complexo e dinâmico, por exemplo, em algumas pequenas cidades do Brasil. (OLIVEIRA, 2020)

Segundo o mesmo autor, atualmente, não é frequente que todas as pequenas cidades do Brasil apresentem os requisitos locais necessários para atrair grandes investimentos industriais. Assim, apenas uma quantidade restrita de cidades de pequeno porte possui condições gerais de produção que as capacitam para se integrarem aos circuitos espaciais de produção e às redes de cooperação das grandes

indústrias. A maior parte dessas cidades está localizada na região Centro-Sul e possui posição geográfica estratégica em relação aos principais centros industriais urbanos e corredores logísticos do país. Além disso, essas cidades geralmente oferecem uma oferta de empregos mais acessível do que cidades maiores.

Uma dessas pequenas cidades na região Centro-Sul, com posição geográfica estratégica que, durante parte do século XX possuiu indústrias de médio porte voltadas para o setor têxtil foi Manhumirim, no Leste de Minas Gerais.

3 METODOLOGIA

O presente trabalho trata-se de uma pesquisa descritiva, de natureza aplicada, dentro das ciências sociais aplicadas. A metodologia utilizada é a História Oral.

A História Oral é uma metodologia que visa captar memórias a partir da realização de entrevistas temáticas semiestruturadas (procedimento metodológico). Para isso, a pesquisa se divide em duas etapas: a primeira etapa é o estudo da história oficial acerca daquele objeto, logo, tem-se como pesquisa bibliográfica a história oficial da industrialização no Brasil e a industrialização das pequenas cidades. A partir disso, compara-se com a memória de pessoas ligadas a objeto de estudo para verificação e comparação se o processo de industrialização manhumirense possui relação com a industrialização brasileira nas pequenas cidades de uma forma geral ou se foi um caso atípico dentro da temática.

Para a definição dos entrevistados, considerou-se aqueles com maior relação com as malharias de Manhumirim. Os grupos abrangeram moradores da cidade, com faixa etária compatível com a existência das malharias no município. De acordo com Alberti (s/d), a escolha dos entrevistados foi orientada pelos objetivos da pesquisa e não deveria ser predominantemente baseada em critérios quantitativos ou preocupações com amostragens, mas sim a partir da posição do entrevistado no grupo e do significado de sua experiência.

Assim, adotou-se um critério qualitativo que articulasse as narrativas de forma a alcançar o objetivo proposto. A limitação do número de entrevistados foi definida quando as narrativas não mais apresentaram fatos analíticos relevantes, alcançando o ponto de saturação, momento em que novas entrevistas não resultariam em informações adicionais significativas.

Os dados coletados para a pesquisa documental junto às fontes descritas foram classificados por assunto e cronologia, e analisados quanto à sua relação com os fatos ocorridos no recorte temporal da pesquisa.

Quanto ao tratamento dos dados coletados, tanto na pesquisa documental quanto na pesquisa de campo, utilizou-se o método da Análise de Conteúdo, cuja utilização, segundo Bardin (1977), foi vantajosa pela sua abrangência de aplicações no tratamento de dados coletados de diferentes formas e fontes.

A presente pesquisa foi aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa do Centro Universitário UNIFACIG, em junho de 2024.

4 DISCUSSÃO DE RESULTADOS

4.1 Caracterização socioeconômica de Manhumirim

Manhumirim é uma pequena cidade no sudeste do Brasil, na Zona da Mata de Minas Gerais, com cerca de 22 mil habitantes. Está a cerca de 300 km da capital do estado, Belo Horizonte. Uma cidade emancipada em 1924, alcançou prosperidade

graças a uma combinação de atividades econômicas que contribuíram para sua estabilidade e expansão. (FRANKLIN, 2019)

A agricultura teve um papel importante na economia local nesse período. A região, que se beneficia de um clima propício e solo fértil, tornou-se produtora de diversas culturas agrícolas, com destaque para o café. A cafeicultura foi uma das principais fontes de renda e emprego, gerando riqueza e incentivando o comércio local.

Além disso, o comércio em Manhumirim também se desenvolveu, aproveitando-se da prosperidade agrícola. Pequenos e médios comerciantes que viviam na cidade supriam as necessidades da população local e das áreas rurais vizinhas.

No século XX, outra área de destaque na economia de Manhumirim foi a indústria de malharias. As malharias se tornaram um importante ramo econômico, empregando uma grande parte da população. Essas pequenas fábricas produziram uma variedade de produtos têxteis, atendendo tanto ao mercado local quanto de outras regiões. A atividade das malharias não só gerou empregos, mas também incentivou o aprimoramento de habilidades específicas entre os trabalhadores, contribuindo para a diversidade econômica da região.

4.2 A História Oral: Manhumirim e as malharias

Como explicado na etapa de Metodologia, foram realizadas três entrevistas com diferentes perspectivas sobre a época das malharias. As entrevistas ocorreram no mês de maio de 2024.

A Entrevistada 1 é uma senhora de 91 anos, nascida e criada em Manhumirim, que trabalhou de forma terceirizada em uma das malharias da época. A entrevistada 2, filha da primeira entrevistada, vivenciou sua adolescência durante o auge das malharias. O entrevistado 3 foi proprietário de uma das malharias e casado com uma modelista da época.

A presença dessas indústrias de malharias, aliada à forte agricultura e ao comércio ativo, criou uma economia diversificada e resiliente em Manhumirim. Essa diversificação foi crucial para o progresso sustentável da cidade, permitindo que ela superasse os obstáculos econômicos e mantivesse uma trajetória de crescimento ao longo do século XX.

(Sic) A cidade, a parte social e também o café estava muito bom, eu tinha a colheita de café então essa época era uma parte alta, Manhumirim foi muito mais importante do que agora. Antigamente, o meu pai era comerciante como meus tios, a firma deles começava depois dessa ponte, acabava lá no posto, e tudo era uma loja só. E aí tinha o (Nome Próprio), que era forte um tocho, uma companhia, a gente abastecia os mercados de Manhauçu, o mercado Albertão e os outros [...], agora inverteu, então faltou a liderança aqui. E com a Rede Ferroviária, também acabou bem a cidade. (Entrevistado 3)

(Sic) Manhumirim foi a primeira cidade da região ter uma agência da Chevrolet, de caminhão, foi a primeira cidade da região ter agência da Willis. [...] O Barreto e o outro pessoal abriram a Volkswagen. (Entrevistado 3)

(Sic) A indústria Mussi, eles ficaram fechados, [...] tem uns filhos que fabricam algumas coisas, mas era muito bom os ferros, termoeletrônicos, ferro de solda. E uma vez o meu irmão estava morando no Rio [...]. Então, um amigo dele, aviador, um piloto de avião, foi aos Estados Unidos, "trouxe um presente para você do Estados Unidos [...]" mas você

sabe de onde é? esse é da minha terra. Não acredito não”, estava lá na etiqueta Indústria Mussi de Manhumirim, comprou lá no Estados Unidos. (Entrevistado 3)

(Sic) Mas banco, nós tínhamos aqui vários bancos depois foram fechando. E os compradores de café eram todos daqui, hoje em dia tem muito comprador de café daqui, mas é só para atravessar para as multinacionais, não tem aqui comprador assim com dinheiro mesmo, aqui tinha várias famílias muito ricas que compravam café e o dinheiro ficava aqui. Aí pro banco tinha Banco de Hipotecário, Banco Real, Banco de Crédito Real, Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, Caixa Econômica Estadual, entendeu, tinha muitos bancos. Tinha ali no Palácio das Águias, ali era um Banco Hipotecário, e foi fechando tudo. (Entrevistado 3)

Manhumirim teve um período de prosperidade, alimentado principalmente pela grande produção de café e pelo comércio local, com os principais comerciantes abastecendo os mercados de cidades próximas, como Manhauçu. Manhumirim era um importante centro comercial, sede de grandes empresas que dominavam o mercado regional e refletiam essa importância na liderança local, que foi se perdendo com o tempo. Além do comércio, a cidade foi pioneira em modernização e inovação na região, sendo a primeira a contar com uma agência de caminhões Chevrolet e, posteriormente, uma concessionária Volkswagen, demonstrando assim seu papel de líder no setor automotivo regional. Manhumirim também foi sede de grandes empresas, como a Indústria Mussi, que produzia ferros termoeletrônicos e soldas, cujos produtos de alta qualidade chegaram aos mercados internacionais, como nos Estados Unidos, o que demonstrou o reconhecimento e a excelência industrial da cidade. No que diz respeito ao setor bancário, Manhumirim contava com uma ampla gama de bancos, que prestavam serviços à população local e contribuíam para a circulação de capital na cidade. No entanto, com o tempo, estes bancos fecharam e a economia mudou, com os compradores locais de café a agirem como intermediários para empresas maiores, em vez de manterem o valor monetário arrecadado na cidade.

Durante a época das malharias em Manhumirim, a cidade abrigava diversas dessas empresas, que desempenhavam um papel importante na economia local. Os proprietários das malharias contratavam seus funcionários formalmente, garantindo-lhes todos os direitos trabalhistas. Embora, quando a demanda por produtos aumentava significativamente, essas empresas recorriam a uma prática comum na cidade: terceirizar parte da produção para trabalhadores que possuíam máquinas em suas próprias casas. Essa forma de subcontratação permitia que as malharias atendessem à crescente demanda de maneira eficiente, ao mesmo tempo que proporcionava uma fonte adicional de renda para moradores de Manhumirim.

(Sic) Eu comecei a namorar a (Nome Próprio), que era desse ramo [...]. Ela era modelista, inclusive muito boa. Nós casamos e fomos para o Rio. Meus pais foram para o Rio de Janeiro e eu nunca me acostumei lá. Todos os meus irmãos ficaram e eu voltei com ela e começamos, [...] vamos montar uma fábrica, eu, ela e uma funcionária, com uma máquina, duas máquinas, não sei. [...] e foi dando certo a coisa, começamos a confeccionar primeiro em malha [...], a gente não tinha muita experiência, então ela fez o modelo de adulto e de criança. Isso deu muito trabalho, porque a gente tinha mais de cem modelos, e não funcionava. Nós começamos a descobrir que tinha que diminuir as

cores dos modelos, e depois de um certo tempo de experiência, nós passamos a fazer só roupa infantil. E da roupa infantil nós fomos diminuindo os modelos e passamos a trabalhar só com cinco modelos de camisa e dois de short. Aí a nossa fábrica passou a fazer dez mil peças por mês. (Entrevistado 3)

(Sic) [...] começou a ter muita procura das roupas de linho. [...] eu comecei a conhecer o ramo também da tecelagem. [...] Cheguei a ter 12 máquinas de tecer. Sendo duas automáticas, que um funcionário só usava as duas. E os outros todos manuais. Então eram 11 tecelões. Aí a gente dava emprego para a criança desmanchar os fios [...]. Eu assinei a carteira dele, ele tinha 12 anos de idade. Naquela época eu podia. [...] Chegou um ponto que eu trabalhava 24 horas sem apagar as lâmpadas da malharia, porque eu tinha duas turmas tecendo e uma turma só costurando, porque eu comecei a colocar as costureiras fazendo flexão em casa. As costureiras quase todas aqui em Manhumirim, tinham máquinas de malharia que vendiam para elas, máquinas usadas. Então, eu pegava essas costureiras boas, que já tinha *overlock* em casa, e levava para fazer. A tecelagem ficava 24 horas tecendo, a minha esposa cortando, mais duas cortadeiras depois cortando também. E a gente levava para fechar fora, e foi trabalhando. (Entrevistado 3)

(Sic) Na malharia Lour-sé-tex vinha as blusas de lã, vinha a amostra para a gente copiar a marca bordada nela, por que era fácil. Vinha aberta, sem estar pronta, e vinha para a gente fazer o bordado, voltava, bordava as mangas e bordava o corpo. [...] Eu nunca trabalhei lá, vinha em casa para a gente fazer. (Entrevistada 1)

(Sic) A gente tinha umas máquinas em casa, né! Muitos trabalhavam. As vezes a malharia não dava conta. Aí terceirizava, né! (Entrevistada 1)

Um dos entrevistados conta sua trajetória empreendedora na malharia, começando com um pequeno negócio, é buscando conhecimento sobre as máquinas de tecer. Ele notou uma crescente demanda por peças de linho na região e expandiu suas atividades para incluir a produção de tecidos. Com o decorrer do tempo, ele expandiu sua capacidade para empregar uma equipe maior. Essa narrativa mostra como a indústria têxtil não apenas gerou empregos, mas também proporcionou oportunidades de crescimento econômico e social para a comunidade, incluindo o emprego de jovens. Uma outra entrevistada mencionou a prática comum de terceirização na indústria têxtil, na qual muitas famílias possuíam máquinas em casa e trabalhavam para empresas de malharia locais. Essa prática mostra a flexibilidade e a cooperação na indústria têxtil de Manhumirim, onde pequenos empreendedores e trabalhadores domiciliares tinham um papel relevante no atendimento das demandas do mercado.

Manhumirim possui uma vasta herança cultural, com celebrações e eventos que refletem as tradições mineiras. Desses eventos o único que ainda possui certa visibilidade é o Jubileu. O Jubileu de Bom Jesus do Matozinhos é uma celebração religiosa relevante que atrai fiéis para momentos de devoção, missas e procissões, reforçando a fé católica. Porém, existiam outros eventos tradicionais em Manhumirim, alguns ligados às próprias malharias, podendo citar o Baile das Rosas, que ocorria em

maio, o Carnaval de Manhumirim e o futebol. Entre os eventos mais relevantes está a Expo Leste, feira agropecuária e industrial, incluindo as malharias, que reunia produtores e artesãos da região, promovendo a economia local e celebrando as conquistas do setor.

(Sic) Na cidade não tinha muito evento não, mas tinha uma chamada Expo Leste, que acabou há muitos anos, era uma exposição de indústria, comércio e agropecuária. Então tinha aquela exposição de leite de vaca, tinha a exposição das malharias, e as malharia faziam a exposição lá. (Entrevistada 3)

(Sic) As Malharias ajudavam as confecções. Eu, por exemplo, estava com a Malharia ainda pequena, devia ter uns 10 funcionários, eu parava duas semanas no Carnaval para fazer só roupa para o Carnaval de graça. E teve uma escola de samba que foi a Estrela, que era famosa... A Estrela era famosa. Isso, para Manhumirim chegou a constar na mídia como um dos melhores carnavais do Minas Gerais. A Estrela e o Pinguim. Era uma disputa tremenda. Estrela e Pinguim. E eu era o Pinguim e outras pessoas, minha tia, por exemplo, era Estrela, que saía de destaque... Era como se fosse Vasco e Flamengo. Na época do Carnaval... Disputa mesmo, e tinha ponto, tinha jurado, ganhava ponto, quem ganhava mais prêmio na prefeitura, participava. Tanto os prefeitos na época davam incentivo. Aí depois nós criamos uma escola de samba quase na época do Carnaval, chamava Em Cima Da Hora. A mulher do (Nome Próprio), a mulher dele foi lá pedir a (Nome Próprio) e nós começamos a fazer roupa. Ela levava os panos, linha, costureira, tudo por minha conta. As vezes o pano também doava. Fomos fazendo aquilo e eu desfilei na bateria e a (Nome Próprio) na frente da escola, ela era pequenininha, tinha uns 3, 4 anos. Aí a (Nome Próprio) desfilou no Pinguim de destaque no lugar da Miss Carangola, Miss Carangola não veio, a roupa serviu na (Nome Próprio), ele tinha se aprontado ali na Casa da (Nome Próprio). [...] Também tinha muito voluntários, próprios funcionários de malharia, todas costureiras, elas iam trabalhar à noite para fazer roupa, fazer as coisas, costurando, gerava emprego também o carnaval de Manhumirim. (Entrevistado 3)

(Sic) [...] E eu tive também um time de futebol, só com funcionários. Nós fizemos um time de futebol, a gente tem fotos aí, uns meninos com a camisa, tudo confeccionado pela malharia. Jogava Campeonatos entre outras malharias e outros times da cidade mesmo e fazia esse movimento, e tinha essa parte social da malharia também. Todo mundo ia assistir os jogos e uma coisa que eu tinha também na parte social. (Entrevistado 3)

Diversas celebrações que ocorreram em Manhumirim, desempenharam um importante papel para o crescimento da economia da região. Durante a festividade, havia uma maior movimentação do número de pessoas dentro da cidade, exemplo a chegada de turistas, vários comerciantes tinham a oportunidade de aumentar a lucratividade e o número de comercializações tanto dos produtos quanto serviços que tinham a oferecer, promovendo com isso, o crescimento econômico e reforçando os laços entre a identidade cultural local e o progresso financeiro do município. A temporada festiva gerava empregos, que mesmo por sua vez, sendo temporários traziam benefícios para a população e fortalecendo a economia regional.

Porém, no final da década de 1980 e início da década de 1990, a indústria têxtil sofreu danos como resultado da implementação do Plano Cruzado.

O Plano Cruzado foi uma estratégia econômica colocada em prática pelo governo de José Sarney em fevereiro de 1986, com o intuito de enfrentar a alta inflação no Brasil. Dentre as ações adotadas estavam o congelamento dos preços e dos salários, a criação de uma nova moeda, o Cruzado (Cz\$), que substituiu o Cruzeiro na proporção de mil para um, e a implementação de gatilhos salariais, os quais ajustavam automaticamente os salários quando a inflação atingisse certo nível.

Um proprietário perdeu muito capital quando os preços foram congelados, forçando-o a vender itens a valores baixos. A situação se tornou ainda pior, o que resultou na paralisação da produção e na demissão temporária de quarenta funcionários, além de indenizações adicionais. A fase de crescimento e expansão da empresa foi interrompida pelo plano, o que resultou na venda das máquinas e no fechamento do negócio. Este relato mostra como, apesar de seus bons objetivos, o Plano Cruzado resultou em perdas econômicas significativas e no encerramento de negócios promissores.

Apesar de ter conseguido reduzir a inflação inicialmente, o plano não conseguiu manter esse controle a longo prazo devido a falhas na sua implementação e à ausência de medidas complementares para estabilizar a economia. Com o aumento da inflação, o plano foi considerado um fracasso.

(Sic) Aí chegou o plano Cruzado. Eu estava com a minha produção toda vendida de 10 mil peças por mês. Foi em fevereiro o plano Cruzado. Eu estava com a produção toda vendida até julho. E com a inflação embutida em cada mês de 20%, em cima de 20%. Aí apresentou o plano Cruzado do Sarney. Aquilo foi um roubo [...] E eu acreditei. [...] E deflacionei os meus pedidos, as vendas. Meu irmão veio do Rio de Janeiro para cá para me ajudar a comunicar aos clientes. Comecei a entregar tudo a preço de fevereiro. Por exemplo, de março era 20% mais caro. De abril mais 20%. Mais do que o dobro um, dois, três meses depois. Comecei a entregar tudo em fevereiro. Fui entregando tudo, só que depois aqueles congelamentos, [...] que teve foi um absurdo. Eu saí daquele estelionato e aí eu tive que parar. Até quando eu fechei nessa época do plano cruzado, que foi, acho que em 86. A malharia começou, foi crescendo, porque eu sempre fui muito seguro, mas muito querendo crescer, trabalhar. Eu mesmo com um negócio pequeno cheguei a vender até na Bahia. Perdi dinheiro pra caramba. Com o Plano Cruzado, meu vendedor passou os preços novos, foi ameaçado até de morte. Porque não podia mudar os preços. Minha mulher trabalhou dia e noite para mudar os modelos, para mudar o preço, fazia todas as modelagens, não tinha fio eu comprava por atacado começou assim, aí tive que rebolar, eu tinha 40 funcionários da empresa os outros eram terceirizados, aí desses 40 funcionários de carteira assinada tive que ficar 30 dias sem eles trabalharem, eu não consegui fio, dei aviso prévio para mais 30 dias e paguei 60 dias sem ninguém produzir nada, ainda tive que indenizar as férias, 13°. Aí vendi as máquinas e acabou. Depois do plano cruzado, foi justamente na época que eu estava começando a ganhar dinheiro, porque eu vendia muito a vista no Rio vendia para a Casa Rolla, que era aquela famosa em Belo Horizonte, e a Magal por exemplo uma empresa grande lá do Rio de Janeiro, ela me comprava

programação para 6 meses. Eu sabia o que eu ia faturar para ela. (Entrevistado 3)

(Sic) Em 2008, [...] já não tinha mais malharia. Tinha confecção. Eu acho que até o ano 2000, 97, 98, aí as pessoas já tinham, igual a (Nome Próprio) tinha, as máquinas de tecer em casa. [...] Só tinha confecção fazia biquíni, blusa, mas aí já era só uma confecção, que era do (Nome Próprio) que chamava Argumento. Foi um horror. Foi fechando, foi acabando tudo. Cada coisa, era tudo movimentado pela indústria. (Entrevistado 2)

(Sic) Eu sinto falta dessa época das malharias. A gente enxergava, podia trabalhar, [...] eu gostava mesmo. Chego a sonhar que estou fazer crochê. (Entrevistado 1)

Isso demonstrou que as malharias possuíram grande importância na economia de Manhumirim, envolvidas não só no processo produtivo, mas até mesmo dando subsídio para os processos culturais do município. Percebe-se que a partir do final dos anos de 1990, inclusive Manhumirim entra em uma decadência econômica que atinge não só as malharias, mas outros setores industriais, fazendo com que o município passe a ser um município voltado quase que unicamente para o setor agrícola-cafeeiro.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É perceptível que as pequenas cidades possuem importância significativa quando se trata da industrialização brasileira. Essas localidades podem desempenhar um papel mais local ou regional, com pequenas indústrias que abastecem uma cadeia produtiva em âmbito de menor escala. Alternativamente, elas podem exercer um papel que expande fronteiras estaduais, como exemplificado por Manhumirim, que em determinados momentos do século XX exportava sua produção têxtil para estados do Sudeste Brasileiro. A capacidade de pequenas cidades como Manhumirim em se integrarem a mercados mais amplos demonstra a flexibilidade e adaptabilidade de suas indústrias, além de sua capacidade de influenciar a economia regional.

As malharias em Manhumirim, juntamente com o setor agrícola-cafeeiro, representaram um período de crescimento econômico no município. Essas atividades foram responsáveis não apenas por um nicho específico, que é a produção de roupas, mas também fomentaram o desenvolvimento de outros setores no município. Um exemplo disso foi a instalação de concessionárias automotivas e a produção de outros bens industriais de qualidade reconhecida internacionalmente. Esse crescimento diversificado indica que o setor têxtil teve um efeito multiplicador na economia local, promovendo a diversificação econômica e atraindo investimentos para outras áreas industriais.

Eventos culturais e sociais também tiveram as malharias como plano de fundo, visto que grande parte das roupas produzidas para esses eventos, que fomentavam o turismo no município, era confeccionada nas malharias locais. Isso evidenciava a conexão entre o setor têxtil e a promoção de atividades culturais, contribuindo para a dinamização econômica e social da região. A produção local de vestuário para eventos culturais não apenas atendia à demanda imediata, mas também reforçava a identidade cultural do município e sua capacidade de atrair visitantes, consolidando o turismo como um componente vital da economia local.

Contudo, o encerramento das fábricas de malhas da cidade levou a problemas econômicos significativos, que contribuíram para que o município experimentasse um declínio econômico. O setor têxtil não apenas proporcionou oportunidades de emprego e crescimento, mas também contribuiu para a coesão social e a vitalidade econômica. Com o colapso desse setor, a cidade perdeu uma importante fonte de emprego e desenvolvimento econômico, resultando em uma diminuição da coesão social e da dinâmica econômica que anteriormente caracterizavam o município. A ausência das indústrias têxteis criou um vácuo na economia local, afetando negativamente outros setores que dependiam indiretamente da prosperidade gerada por essas indústrias.

6 REFERÊNCIAS

A indústria têxtil em Minas Gerais. Sift-MG. Disponível em: <https://www.siftmg.org.br/historia.html>. Acesso em 31 de março de 2024

ALBERTI, Verena. Manual de história oral. Disponível em: <[HTTP://arpa.ucv.cl/articulos/manualdehistoriaoral.pdf](http://arpa.ucv.cl/articulos/manualdehistoriaoral.pdf)>. Acesso em: 7 jul. 2022.

Almeida, CC (2018). **Indústria Têxtil em Minas Gerais: Desenvolvimento, Desafios e Perspectivas**. Belo Horizonte: Editora Mineira.

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa, Edições 70, 1977.

CORREA, R. L. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP - Espaço e Tempo**, São Paulo, n. 30, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. As pequenas cidades na confluência do urbano e do rural. **GEOUSP Espaço e Tempo (Online)**, v. 15, n. 3, p. 5-12, 2011.

CORRÊA, Roberto Lobato. Globalização e reestruturação da rede urbana: uma nota sobre as pequenas cidades. **Território, Rio de Janeiro**, v. 4, n. 6, p. 41-53, 1999.

DE AZEVEDO, Esterzilda Berenstein. Patrimônio industrial no Brasil. **arq. urb**, n. 3, p. 11-22, 2010.

DESMARAIS, R. Considération sur les notions de petite ville et de ville moyenne. **Cahiers de Géographie du Québec**, Quebec, v. 28, n. 75, pp. 355-364. 1984.

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. Edusp, 2022.

FRANKLIN, Arthur Zanuti. **A gestão do patrimônio cultural em pequenas cidades históricas**: Manhumirim, MG (1997 – 2017). 2019. 199 p. (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2019.

FRESCA, T. M. Em defesa dos estudos das cidades pequenas no ensino de geografia. **Geografia**, Londrina, v. 10, n. 1, p. 27 – 34, jan./jul. 2001.

HEES, Felipe. A industrialização brasileira em perspectiva histórica (1808-1956). **Em tempo de Histórias**, n. 18, p. 100-132, 2011.

JURADO DA SILVA, Paulo Fernando. **Cidades pequenas e indústria**: contribuição para a análise da dinâmica econômica na região de Presidente Prudente-SP. 2011.

MELO, Nágela Aparecida de. **Pequenas cidades da microrregião geográfica de Catalão (GO)**: análises de seus conteúdos e considerações teórico-metodológicas. 2008.

MENDES, A. **Reestruturações locais como efeitos da globalização econômica**: uma análise da estrutura produtiva mutante do polo têxtil de Americana - SP. 1997. 194 f. Tese (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Rio Claro, 1997.

OLIVEIRA, Elias Mendes. Industrialização Recente e Dinâmica Locacional das Indústrias na Cidade Pequena de Extrema (MG). In: Dinâmica Locacional das Indústrias: fatores, agentes e processos. **Blucher Open Access**, 2020. p. 163-198.

RUSSEL-WOOD, Anthony John R. Centros e periferias no mundo luso-brasileiro, 1500-1808. **Revista brasileira de história**, v. 18, p. 187-250, 1998.

SANTOS, Milton. Ensaio sobre a urbanização latino-americana. In: **Ensaio sobre a urbanização latino-americana**. 2010. p. 13.

SILVA, Nathália Leal Ferreira. **Reflexos do Brasil nos jornais portugueses: os brasileiros residentes e os laços que unem duas nações**. 2021. Tese de Doutorado. Instituto Politécnico de Lisboa, Escola Superior de Comunicação Social.

SPOSITO, E. S.; SILVA, P. F. J. da. **Cidades pequenas**: perspectivas teóricas e transformações socioespaciais. Jundiaí: Paco Editorial, 2013.

SUZIGAN, Wilson. Estado e industrialização no Brasil. **Brazilian Journal of Political Economy**, v. 8, n. 4, p. 493-504, 1988.

PORCARO, R. M. Industrialização e tamanho urbano. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 39, n. 1, p. 46 - 86, jan./mar. 1977.

VERSIANI, Flávio R.; SUZIGAN, Wilson. O processo brasileiro de industrialização: uma visão geral. In: **Congresso Internacional de História Econômica**. 1990.